

A ESCRE(VIVÊNCIA) PRESENTE EM MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “A ESCRAVA” E “MARIA”

THE WRITING (EXPERIENCE) PRESENT IN MARIA FIRMINA DOS REIS AND CONCEIÇÃO EVARISTO: AN ANALYSIS OF THE TALES "THE SLAVE" AND "MARIA"

Michelly Cristina Alves Lopes⁶⁹

Nelson Martinelli Filho⁷⁰

RESUMO: A representação da personagem feminina negra na literatura brasileira possui diferentes abordagens no decorrer da história literária, principalmente quando comparamos a forma como os escritores homens, tanto brancos quanto negros, as apresentam com a representação das escritoras negras, a chamada escre(vivência) por Conceição Evaristo. Dessa forma, faz-se importante pesquisar e discutir a trajetória da mulher negra, tanto como personagem como também escritora, pois a literatura, até certo ponto, acaba sendo uma representação da vida social da comunidade em que está inserida. Por consequência disso, é de extrema importância entender como as personagens eram e são representadas e quais os caminhos percorridos por esse grupo levando em consideração os estudos pós-coloniais. O texto é dividido em duas partes: a primeira consiste em desvelar não só a forma como a personagem feminina negra é representada por escritores, mas também a importância da escritora negra na literatura brasileira; a segunda pretende analisar os contos “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, e “Maria”, de Conceição Evaristo, dando ênfase à maternidade e à violência sofrida pelas personagens negras. Os resultados dessa discussão serão relevantes para futuros estudos que pretendam tratar desse tema.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; Pós-colonial; Protagonismo feminino negro; Escrita feminina.

⁶⁹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com

⁷⁰ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Brasil. E-mail: nelsonmfilho@gmail.com

ABSTRACT: The representation of the black female character in Brazilian literature has different approaches in the course of literary history, especially when we compare the way white writers, both white and black, present them with the representation of black women, the call to write (experience) by Conceição Evaristo. Thus, it is important to research and discuss the trajectory of the black woman, as a character, as well as as a writer, because literature, to a certain extent, ends up being a representation of the social life of the community in which it is inserted. As a consequence, it is extremely important to understand how the characters were and are represented and what paths the group has taken in consideration of postcolonial studies. The text is divided into two parts: the first is to reveal not only the form of the black female character represented by writers, but also the importance of the black writer in Brazilian literature; and the second that intends to analyze the short stories "The slave girl", by Maria Firmina dos Reis and "Maria" by Conceição Evaristo, emphasizing motherhood and the violence suffered by the black characters.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Postcolonial; Black female protagonism; Female writing.

1. INTRODUÇÃO

A mulher negra, ao ser representada na literatura brasileira, quando não tinha apagada sua identidade, era totalmente estereotipada. Essa afirmativa fica clara em obras como *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, que traz a escrava com feições brancas, negando suas características africanas – “A tez é como marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada” (GUIMARÃES, 1963, p. 14) –, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, com a personagem Bertoleza sendo animalizada – “Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida” (AZEVEDO, 2015, p. 222) –, e, da mesma forma, Tia Anastácia, no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, era constantemente lembrada de sua condição de escrava subalterna:

– Cale a boca! – berrou Emília. – Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e tocinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma *negra beicuda*... – Mais respeito com os velhos, Emília! –

advertiu Dona Benta. – Não quero que trate Nastácia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora (LOBATO, 2012, p. 22).

Pondo em linhas gerais, a mulher negra, enquanto personagem, frequentemente sofre violências físicas, psicológicas e, principalmente, identitárias, como podemos notar nas personagens apresentadas. Isaura, para ser aceita pelos leitores do século XIX, e até mesmo pelo romancista, como protagonista de um amor romântico, é descrita com feições alvas, sendo privada das próprias lembranças para que possa ter uma vida em meio aos senhores brancos; Bertoleza, sendo enganada e roubada pelo homem em que depositou confiança e dedicação por anos de sua vida, encontra a “liberdade” que tanto almejava no suicídio; e Anastácia, constantemente ofendida por sua cor e por sua simplicidade.

Muitos autores homens – negros e mulatos – criaram personagens negras, porém poucas foram protagonistas. Destacamos aqui autores importantes que fazem parte desse indicativo. Machado de Assis, por exemplo, dedicou um espaço para o negro em suas obras, mesmo sendo para depois, ironicamente, criticar a sociedade em que vivia. É importante lembrar que ele foi por muito tempo incompreendido pela crítica, que o julgava racista. No entanto, hoje já se reconhece que a ironia utilizada em suas obras serviu para obter a aceitação do público elitista ao qual destinava suas obras. Luiz Ruffato, em *Questão de pele*, afirma:

A sua obra, que acompanha os descaminhos sociopolíticos do Brasil por todo o Segundo Império, não teria como se furtar a refletir sobre essa questão. Só que, avesso à superficialidade, é nas entrelinhas, no não-dito, que se realiza sua prospecção sobre os recônditos da alma humana. Prova disso, basta ler o conto “Pai contra mãe” (RUFFATO, 2009, p. 13).

Lima Barreto, com uma infinidade de contos e romances em que insere o negro, também faz parte desse conjunto de autores, como esclarece Ruffato:

[...] com Lima Barreto chegamos ao ápice da representação do negro na literatura brasileira. Comprometido com a causa afrodescendente, desde seus primeiros escritos assumiu sua condição de mestiço e de suburbano numa sociedade branca e elitista – e pagou caro por isso. Por conta de seu alcoolismo, não chegou a realizar totalmente a obra projetada. Mas deixou pelo menos dois grandes personagens, o Isafas Caminha, de *Recordações do escrivão Isafas Caminha*, de 1909, e a Clara dos Anjos, da novela do mesmo nome, publicada postumamente em 1948 (RUFFATO, 2009, p. 14).

No entanto, a figura feminina é bem exígua, principalmente ao se tratar de mulheres que criassem personagens negras. Após Maria Firmina dos Reis, autora do século XIX, passa a ser uma tarefa difícil encontrar uma autora negra que crie personagens negras no início do século XX, momento “em que as mulheres permaneciam nas margens” e que “nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a ‘literatura’, sem adjetivos, e a ‘literatura feminina’, presa a seu gueto” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 51). A presença da mulher em geral sempre foi escassa na literatura e, em certos casos, evitada. Se a mulher branca estava em desvantagem, em relação ao homem branco, a mulher negra encontra um duplo problema, pois, além de ser mulher, traz as cicatrizes da escravização imposta aos corpos negros.

Carolina Maria de Jesus, com seu romance *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, publicado em 1960, representa uma ruptura com os modelos vigentes em sua época, porém neste trabalho trataremos apenas de contos. Por isso, partiremos para a segunda metade do século XX e início do século XXI, em que as autoras negras começam a aparecer, principalmente com a criação dos *Cadernos Negros*, quando autoras como Mirian Alves, Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro terão papel fundamental na literatura feminina negra no país. Além disso, entendemos que “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai

experenciar gênero de outra forma” (RIBEIRO, 2017, p. 61). Dessa forma, as vozes dessas mulheres precisam ser potencializadas e amplamente estudadas para desvelarmos os problemas enfrentados por essa dita minoria.

De fato, a colonização de países como os que compõem a América Latina e a África deixaram muitas cicatrizes expostas ao decorrer de cada processo de ocupação e exploração. Dentre todas elas podemos evidenciar a “relação colonizador-colonizado” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017), que ainda permite que aquele tenha visibilidade e permissão para narrar, tanto a historiografia quanto a literatura dessa sociedade, e este permaneça dentro dessa narrativa como simples produto social condicionado ao meio. As colônias, ao serem dominadas pelas metrópoles, passaram a ser obrigadas a entregar as riquezas minerais e produtos gerados pelo solo.

A pós-doutora em estudos pós-coloniais Inocência Mata, em seu texto intitulado “Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas”, ao iniciar a discussão sobre o pós-colonial, coloca em evidência o livro *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*, lançado em 1989, apesar do movimento aparecer em 1970. Momento em que esse termo toma relevância por ser, nas palavras da autora, “[...] um dos primeiros livros desta área de estudos – aliás, livro seminal que, pode dizer-se, está na origem da abertura a um campo de investigação [...]” (MATA, 2014, p. 30). Para a autora, a principal função dessa teoria seria de “análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade” (MATA, 2014, p. 31), sendo, portanto, um modelo de resistência ao “eurocentrismo”.

Dessa forma, teremos o “pós-colonial como ideologia” que pretende incitar um estudo que não esconda as problemáticas e paradoxos gerados pela descolonização e propõe uma “geocrítica do eurocentrismo” assinalando que diversos autores e críticos da “literatura” e a “cultura latino-americanas” já consideram o estudo das “geografias culturais” (MATA, 2014, p. 32).

Para Adelia Ribeiro Miglievich, em seu texto “Pós-colonialismo”,

Os termos “pós-colonial” e “pós-colonialismo” não supõem, portanto, o fim das sequelas do colonialismo na história. Deslocam o sentido linguístico mais evidente do prefixo “pós” como sinônimo de “após” ou “fim” para o gesto de “pensar além”. Cientes da violência epistemológica contida no projeto moderno-colonizador, os críticos pós-coloniais necessitam ultrapassar os horizontes criados pelo discurso científico moderno a fim de reformá-lo (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 449).

Essa violência é marcada pelo apagamento dos sujeitos subalternizados e suas diversas experiências. O caminho tomado pelos críticos pós-coloniais para reverter essa condição seria de sustentar “[...] novos esquemas cognitivos e analíticos que observem a vida e os modos de convivência nas margens do sistema moderno, o pensamento e as perspectivas que não se limitam à experiência da modernidade ocidental [...]” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 449).

Para Denise Aparecida Nascimento, em sua tese de doutorado intitulada *Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães*, ao discutir o pós-colonial, irá afirmar que “A teoria e crítica pós-colonial se preocupam com os efeitos da colonização europeia sobre suas antigas colônias, com a relação entre colonizado e colonizador ou ainda com a abrangência do discurso e o poder em múltiplos contextos” (NASCIMENTO, 2014, p. 100). Esse pós-colonialismo, portanto, jamais pode ser entendido como o rompimento da opressão vivida pela antiga colônia, já que ainda é possível encontrar diversas condições sociais que se equiparam à realidade colonial.

Gayatri Chakravorty Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?*, trará uma discussão pertinente sobre o papel do feminino na sociedade, considerando que,

[...] apesar de ambos (homens e mulheres) serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p. 66-67)

Sendo assim, essa relação de poder está presente em toda sociedade, mas a mulher negra escravizada sofre duas vezes mais nesse processo de objetivação do ser. Além de trabalhar, como qualquer outro escravo, ela foi violentada pelos seus senhores, usada para aleitamento dos filhos da casa-grande e utilizada como reprodutora de outros elementos escravizados.

A condição da mulher negra traz à tona os diversos problemas herdados pela situação colonial. Através da escravidão foram subjugadas, tanto no âmbito da força física quanto no âmbito sexual. Essa formação trará em sua estrutura a base de diferenciação de gênero e etnia em nosso país, visto que, além de ser o elemento escravizado, portanto considerada como objeto, era mulher. E, no Brasil, funda-se a sociedade com base no patriarcado, sistema que prega a superioridade do homem em relação à mulher, tendo plenos poderes sobre elas, que por sua vez passam de seres humanos a objetos (MONCORVO, 2008).

Em uma leitura de Spivak, Adelia Ribeiro Miglievich também trata, dentro de seu texto, da ideologia apontando a existência de problemas nas “representações” e “agenciamentos” dos indivíduos subalternizados pelos que se intitulam seus embaixadores, incluindo os teóricos pós-coloniais, pois, “na arrogância de traduzir a voz subalterna, intelectuais, políticos, ativistas tendem a contribuir para reforçar o emudecimento dos subalternizados” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 460), não entendendo que contribuiriam bem mais “atuando na reestruturação do espaço social, econômico e simbólico para torná-lo permeável à presença e à intervenção daqueles até então silenciados” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 460).

Devemos levar em conta, também, que a história da literatura possui grande relevância como uma precursora da nacionalidade e, por consequência, da construção da imagem dos gêneros, sendo um dos meios de consolidação do poder masculino. Por isso, é importante entender como as escritoras negras representaram suas personagens negras. Para Regina Dalcastagnè,

Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Por mais solidário que seja às mulheres, um homem não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19).

O fato de esses discursos serem considerados como relevantes na literatura brasileira, faz-se importante ter acesso à literatura produzida por mulheres, pois as vozes das escritoras negras pouco ecoaram na literatura nacional, isso se dá tanto pelas limitações impostas a elas, como a baixa escolaridade, quanto pela aceitação social.

A dedicação teórica dessa corrente pós-colonial condiz em colocar em evidência as vozes que até esse momento foram silenciadas, fazendo emergir mazelas que buscam apagar o trauma deixado pelo colonialismo (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017). Dessa forma, teremos o “projeto emancipatório que nasce do reconhecimento de histórias apagadas, sofrimentos e resistências reais. Mais, que propõe a devolução do protagonismo de sua vida aos sujeitos invisibilizados, na medida em que estes se capacitam para se elevar para além da condição de vítimas” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 451). A autora também afirma, fazendo uma menção a Fanon e aos seus estudos, “que colonizador e colonizado se constituem mutuamente, seres inventados no/pelo sistema de exploração colonial” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p.454).

Stuart Hall (2003) aponta que o “‘pós-colonial’ não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes-depois” (HALL, 2003, p. 54 apud NASCIMENTO, 2014, p. 99), não se tratando do desaparecimento dos problemas coloniais, pelo contrário, “o ‘pós-colonial’ marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra [...]. Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos de ‘alto’ período colonial, persistem no pós-colonial” (HALL, 2003, p. 54 apud NASCIMENTO, 2014, p. 99).

A mulher nesse contexto colonial é recorrentemente silenciada e subjugada. Dessa forma, Spivak, considera que,

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 126).

Por essa mesma razão, mostra-se tão difícil encontrar contos e até mesmo romances produzidos por mulheres negras. Autoras como Maria Firmina dos Reis são raramente abordadas em programas do ensino básico e do ensino superior. Por esse motivo, destacaremos contos em que escritoras negras, por legitimidade, constroem personagens negras, para a partir daí analisarmos o possível protagonismo da mulher negra, enquanto personagem, na literatura. Já que a base da sociedade em que a obra é construída desempenhará importante papel e influência na estrutura do enredo, como afirma Antonio Candido em sua importante obra *Literatura e sociedade*. Ele também diz que o externo “desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2000, p. 04). Para tal empreendimento, analisaremos o conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, e “Maria”, de Conceição Evaristo. Apesar da distância temporal, procuraremos

demonstrar que as mesmas subjetividades presentes naquela também se identificam nesta.

2. A ESCRE(VIVÊNCIA) DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO

[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p. 18).

2.1 “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis

O conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado pela primeira vez em 1887, na *Revista Maranhense*, um ano antes da abolição da escravatura. É importante lembrar que a autora, além de ser mulher, era negra e pobre, sendo, assim, a primeira escritora de romances abolicionistas e, portanto, a primeira mulher a compor a literatura afro-brasileira.

O enredo se inicia com a fala de uma mulher, que discursa para muitos, argumentando seu ponto de vista abolicionista, seguindo uma linha diferente do que fez em *Úrsula*, primeiro e mais importante romance da autora publicado em 1859, pois na época as discussões sobre o tema ainda estavam apenas se iniciando. Com esse conto, a autora, além de falar sobre o assunto que está em voga no momento sócio-histórico, a abolição da escravidão, consegue dar à mulher um lugar em que poucos autores a colocaram.

O discurso traz uma sólida argumentação em favor da libertação dos escravizados, mostrando a vergonha de, naquele momento da história, ainda se utilizar esse tipo de trabalho no país. Ao comparar a abordagem da autora à temática de outros autores brancos, fica evidente que ela traz o olhar do oprimido. Ela vê de dentro da condição para fora. Para dar credibilidade à fala,

a autora se utiliza da voz de uma senhora branca abastada, colocando em relevo a situação de decadência econômica vivida e a atribuindo à escravidão. Traz à tona também o problema da nacionalidade e a mistura de raças, que foi extremamente temida na época.

No caderno de estudos e pesquisa organizado por Maria Tereza Caballero Brugger, *O estudo da cultura e da presença negra no Brasil*, publicado em 2011, percebemos o quanto foi valorizada a (questão da) cor pelo próprio planejamento público. Segundo ela,

A ciência de ontem acreditava que os povos de pele escura eram uma raça inferior e para tanto o governo brasileiro patrocinou, com verbas públicas, a vinda de [...] estrangeiros [imigrantes europeus], tendo como um dos objetivos o embranquecimento gradativo da população, com a miscigenação. Em 1872, tinha-se 38,1% de brancos e 16,5% de negros. Com isso, o governo tinha feito uma projeção até o ano de 2012 de uma população cada vez mais branca, em que se teria 50% de brancos e 0% de negros (BRUGGER, 2011, p. 10).

Os dados encontrados nesse caderno demonstram os esforços feitos para não permitir que a nação se tornasse negra. Imaginava-se que o sangue europeu se sobressairia ao sangue africano. Contudo, a realidade vista e vivida no Brasil mostra que esses cálculos falharam, pois o embranquecimento gradativo não ocorreu. Pelo contrário, a maioria da população brasileira hoje é negra.

Retomando o conto, a narradora passa a falar sobre seu encontro com a escrava Joana. Nele será importante explorar a voz dada à escrava Joana através da mediação feita pela senhora branca. Diferentemente de autores anteriores a ela, Maria Firmina dos Reis, coloca o branco no papel de vilão ardiloso, desde o senhor que se aproveita das limitações impostas aos seus escravos procurando obter vantagem em tudo até um feitor de “fisionomia sinistra”. Os autores já

colocaram os brancos em papel de vilão, porém utilizando ironia e deixando subentendido esse papel.

Essa senhora, para demonstrar sua indignação pela escravidão, conta seu inesperado encontro com a escrava Joana e a sua triste história. Em seu relato, a senhora branca depara-se com a escrava sendo cassada como um animal por um feitor de “fisionomia sinistra”. A fuga já pressupõe o descontentamento com o cativo e demonstra que Joana não é passiva como a maioria dos escravos representados nessa época. Após estar segura com a proteção da senhora, Joana passa a narrar sua história. Começa por sua infância, em que, tendo sua liberdade comprada por seu pai, após sua morte, descobre que o seu senhor o enganou e ela ainda era uma escrava.

Nunca a meu pai passou pela idéia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude: nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem nenhuma assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando (REIS, 2004, p. 254).

Diferentemente de autores anteriores a ela, Maria Firmina dos Reis coloca o branco no papel de vilão ardiloso, que se aproveitando das limitações de seus escravos procura obter vantagem em tudo. Não queremos aqui dizer que os autores brancos não criticavam as ações dos homens que se aproveitavam de sua posição social ou até mesmo física em relação à mulher negra, mas sim queremos colocar em relevo a forma como a autora o faz.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podiam comover, nem comovem os soluços do inocente. Esse homem trocou ligeiras palavras com o meu senhor, e saiu. Eu tinha o coração oprimido, pressentia uma nova desgraça (REIS, 2004, p. 256).

Ao ter os filhos vendidos para um traficante de órgãos, Joana perde a lucidez. Mas seria falta de lucidez não concordar com as violências sofridas? Seria loucura tentar escapar dos açoites sempre que possível? No relato da personagem é possível perceber a dor de uma mãe que perde seus filhos sem saber qual seria o destino dos mesmos. É interessante notar, também, que o escravizado que tentava fugir de seu cativeiro era considerado louco e descompensado. Joana morre ao contar suas memórias para a senhora que a protegia.

2.2. “Maria”, de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, natural de Belo Horizonte. Graduada em Letras pela UFRJ, mestre em literatura brasileira pela PUC-RJ e doutora em literatura comparada pela UFF. É militante e participa ativamente dos movimentos pela valorização da cultura negra no Brasil, atuando dentro e fora da academia. Sua produção literária é composta por conto, poesia e romance, os quais publica desde 1990, majoritariamente, nos *Cadernos Negros* com intenção de desvelar as injustiças sociais sofridas pelas classes menos favorecidas. Conceição Evaristo é considerada uma importante escritora da literatura afro-brasileira. Em 2015 publicou o livro *Olhos D’Água*, em que se encontra o conto “Maria”. Suas obras trazem personagens negras marginalizadas pela sua cor, condição social e pelo fato de serem mulheres.

Os *Cadernos Negros* estão alcançando relevante importância na literatura brasileira de modo que permite autores e autoras negras publicarem e ganharem visibilidade com a disseminação de suas obras, já que atualmente é o veículo em que são publicados os contos com temática afro-brasileira, levando em conta que eles, os autores, estão, muitas das vezes, à margem da alta literatura nacional. Na descrição de Rodrigo da Rosa Pereira, em seu artigo “A

periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe”,

Os Cadernos negros consistem em uma edição coletiva anual de contos e poemas, publicados ininterruptamente desde 1978. Cumprindo o papel central de divulgar uma enunciação negra, de temática variada, majoritariamente relacionada à vida, tradição e cultura afro-brasileiras, tal série representa a antologia de literatura afro-brasileira de vida mais longa, constituindo-se em um dos principais veículos que tem contribuído para a inclusão da vertente “afro” na literatura brasileira, especialmente por reunir escritores de diferentes gerações e de diversas partes do Brasil. Assim, seu maior mérito tem sido dar visibilidade a textos que lançam o olhar sobre a realidade brasileira, colocando a população negra como protagonista de seus versos e histórias (PEREIRA, 2016, p. 33).

Além disso, para Pereira, o discurso empregado pelas escritoras negras nesses cadernos “[...] proporciona ao leitor uma reflexão sobre as problemáticas do ser mulher na sociedade brasileira, questionando e ressignificando essa condição sob a perspectiva das próprias mulheres negras” (PEREIRA, 2016, p. 34), fato esse que de outra maneira não teríamos acesso de uma forma tão significativa.

No conto “Maria”, a autora traz uma mulher negra e pobre como personagem central da obra. A vida dura da personagem é retrata já no primeiro parágrafo, em que, para dar uma refeição um tanto mais digna para os seus filhos, Maria leva os restos da festa da patroa rica que teria acontecido no dia anterior.

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...] (SOUZA, 2013, p. 67).

Além de serem mal remunerados, os trabalhadores domésticos são considerados inferiores dentro da sociedade, ao modo dos escravizados. Ora, a partir desse ponto podemos levantar o problema das desigualdades sociais vividas contemporaneamente na sociedade brasileira. Além dos restos, Maria recebe uma gorjeta por um dia inteiro de serviço: “Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz” (EVARISTO, 2015, p. 39). O Estado tendo acabado formalmente com a escravidão ainda permanece escravizando e permitindo a escravização muitos brasileiros para a manutenção do capitalismo selvagem que rege nossa sociedade.

Maria exerce o papel de mulher/negra, negra/pobre, mãe/sozinha, sendo papéis extremamente comuns dentro de uma sociedade capitalista/racista/patriarcal. Dentro dessa sociedade, a mulher, principalmente a mulher negra, está propensa a sofrer inúmeros atos de violência oral e física, tanto pelos familiares quanto pela população em geral. O conto traz as duas extremidades, desde a violência oral até a violência física, ambas sendo gratuitas. Após os assaltantes descerem do ônibus e os passageiros perceberem que Maria teria sido a única a não ser assaltada, passam a proferir ofensas contra ela: “*Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono [da fala] levantou e se encaminhou em direção à Maria” (EVARISTO, 2015, p. 42). O fato é que, pelo conceito de eugenia, o ser negro dentro da sociedade foi/é considerado inferior aos olhos dos colonizadores brancos. Para Gomes,

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser

aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (GOMES, 2005, p. 43).

A mulher, dentro da sociedade brasileira, era considerada como propriedade masculina e sem nenhum direito de voz e vez. A figura do patriarca, como nos dirá Gilberto Freyre, era considerada como a mais importante do lar tanto para as mulheres quanto para os agregados da família. A ele era dado todo respeito e obediência, sendo que, além das forças ideológicas, os patriarcas contavam com a lei ao seu lado, que permitia que fizessem o que bem entendessem com sua propriedade, e as mulheres aqui passavam de sujeitos para objetos de pertencimento. Ora, os discursos têm mudado ao passar dos séculos, mas ainda hoje vemos casos de homens que se sentem patriarcas devido à reprodução das culturas misóginas ainda em evidência no país. Dessa forma, acham-se no direito de agredir fisicamente, moralmente e psicologicamente suas parceiras e mulheres do seio familiar, como também as mulheres da sociedade em geral.

A mulher negra acaba sofrendo duplamente com esse regime, já que além de ser mulher é negra, e o negro, ainda nos dias de hoje, é estigmatizado pela sociedade. Os passageiros, que também voltavam de suas lutas diárias, precisavam culpar alguém pelo assalto e pelas perdas que esse os trouxera: “A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher” (EVARISTO, 2015, p. 42). A indagação que fica é: caso a personagem fosse um homem branco essa situação seria aceita com naturalidade pelo leitor/receptor desse conto?

Esse pensamento difundido pela cultura patriarcal e racista, ainda presente, cria uma esfera em que se “permitted” diversas violências contra as mulheres. Em seguida os passageiros passam a cometer violência física: “*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos

ouvidos” (EVARISTO, 2015, p. 42). Maria morre em seguida com o pensamento em seus filhos, que, por sua vez, ficam desamparados.

Apesar de ser um texto ficcional, o conto nos faz pensar nas diversas “Marias” espalhadas pelo Brasil, que sofrem diariamente com a violência social, muita das vezes, pelo simples fato de ser mulher, sendo acrescido a essa condição sua cor e classe social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Joana quanto Maria desempenham o papel de vítimas de uma sociedade que as escraviza cada uma de uma forma, aquela sendo escrava do regime escravocrata que regia a sociedade de sua época e esta sendo escrava do capitalismo e das mazelas herdadas por cada negro deste país. A personagem Joana, de Maria Firmina dos Reis, sofre constantemente por estar inserida em uma sociedade escravocrata. As violências são muitas e se iniciam, após a morte de seu pai, no momento que descobre que teria sido enganada e sua carta de alforria não teria nenhum valor. Acaba perdendo também a mãe, que morre estribuchando por desgosto. A violência continua ao ter os filhos vendidos ao traficante de carne humana e por não saber qual seria o fim dos mesmos. Após essa tragédia em sua vida passa por constantes açoitamentos por não conseguir cumprir as tarefas designadas pelo seu senhor e, além das agressões físicas, passa a sofrer violência moral quando é considerada louca por não suportar a escravidão passivamente.

A personagem Maria, de Conceição Evaristo, sofre não apenas a violência física, como também a violência social que é garantida pela sociedade fundamentada nos moldes racistas e patriarcais. A primeira violência é a social, proveniente das cicatrizes deixadas pelo Brasil colonial. Maria exerce um trabalho em que não recebe a remuneração compatível pelo seu esforço. Dessa forma, é mais uma escrava moderna, que, estando às margens da legalidade, não

desfruta de seus direitos. A segunda violência é a social, referente à cultura patriarcal, que permite que o homem não assuma suas obrigações de pai, deixando seu rebento à mercê das adversidades, obrigando a mulher a criá-los sozinha. A terceira violência é a oral e a física, que por sua vez arranca a vida de Maria, que não teve nem ao menos como se defender das agressões.

Um dos principais pontos a serem destacados nas obras de ambas as autoras é que nos dois contos teremos colocada a maternidade como ponto central de suas personagens, já que Joana tem suas maiores angústias pela perda de seus filhos, e Maria suporta o emprego, que praticamente a remunera apenas com restos, que possibilitam a alimentação de seus filhos. Essa característica, a de figura materna, é negada à personagem negra em uma grande maioria das narrativas de escritores brancos, como observa Conceição Evaristo em seu ensaio “Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, em que dirá que existe uma

[...] ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (EVARISTO, 2005, p. 53).

Outro ponto evidente nas duas histórias, e que as aproxima, é a violência sofrida pela mulher negra que está sendo representada tanto no século XIX, Joana, quanto a do século XXI, Maria, ambas tendo o corpo apresentado como ferramenta de trabalho, uma do sistema escravocrata e a outra do sistema capitalista. Essas serão algumas das subjetividades encontradas nas personagens negras das duas autoras, que vão diferenciar suas criações das personagens negras dos autores brancos como citamos inicialmente neste trabalho.

Dentro das duas narrativas podemos afirmar que existe o protagonismo da personagem feminina negra. Ele é utilizado por suas autoras para denunciar as contrariedades sociais vigentes em sua época. Portanto, a literatura afro-brasileira mostra a importância de se conhecer os textos produzidos por mulheres negras, pois a partir deles é possível reconhecer realidades vivenciadas por esse grupo que foi e é constantemente desprezado pela sociedade brasileira. A partir desse reconhecimento será possível discutirmos mais sobre essa condição, que é imposta a mulher negra, a fim de desconstruí-la.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- BRUGGER, Maria Teresa Caballero (Org.). O estudo da cultura e da presença negra no Brasil. *Cadernos de estudos e pesquisa*. Brasília: CETEB - Centro de Ensino Tecnológico de Brasília, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, julho-dezembro de 2005.
- EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. In: QUILOMBOHOJE (Org.). *Cadernos negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, p. 31-41, 1998.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, ano I, n. 1, agosto 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: 29 Jul. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. BRASIL. Ministério da Educação (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005 Disponível em: <<https://goo.gl/M2Yc9j>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 5. ed. São Paulo: Editora, Melhoramentos, 1963.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. Pós-colonialismo. In: MARTINS, Carlos Benedito & SELL, Carlos Eduardo (Org.). *Teoria sociológica contemporânea: Autores e perspectivas*. São Paulo: Annablume, 2017. p. 449-474.

NASCIMENTO, Denise Aparecida. *Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. Tese de doutorado – Universidade Federal de Juiz de Fora Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2014.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. Família brasileira: do patriarcalismo colonial ao crescente poder feminino na contemporaneidade. In: _____. *Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental*. 2008. p. 13-24. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe*. Revista estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 49, p. 33-50, set./dez. 2016.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A Escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Djalma. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RISÉRIO, Antônio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007.

SOUZA, Claudenir de. *Mulheres negras contam sua história*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: <www.seppir.gov.br/as_suntos/Livromulheresnegrascontamsuahistria.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte Editora UFMG, 2010.

Recebido em 09/11/2018.

Aceito em 15/01/2019.